

ANPROBE e DAI ensaiam novas variedades

# Portugal vai voltar a produzir beterraba-sacarina

**A partir da campanha de 2017 a produção da beterraba-sacarina na União Europeia (UE) deixará de estar sujeita a quotas, passando o mercado a estar liberalizado. Tendo em vista a retoma da produção da cultura em Portugal, interrompida em 2008, a DAI e a Associação Nacional dos Produtores de Beterraba estão a fazer ensaios para testar novas variedades mais produtivas. Sem pagamentos ligados previstos, por agora, na PAC, a produção conta com a partilha do rendimento industrial para viabilizar a cultura.**

Texto: Emília Freire

**P**rodutores e indústria nunca aceitaram o ‘fim’ das quotas e consequente abandono da produção de beterraba-sacarina em 2008. “A ANPROBE opôs-se sempre ao abandono da produção de açúcar português. Esse abandono tinha como consequência o fim da produção de beterraba-sacarina. Se fomos contra, naturalmente somos a favor do seu retorno. As linhas estratégicas orientadoras do lançamento da cultura há 20 anos são as mesmas de hoje, mantêm-se válidas”, garante o presidente da associação.

Manuel Campilho explica que “desde 2011 que temos vindo a trabalhar para o retorno da cultura. Perdemos o primeiro round. O lóbi francês e alemão impediram Portugal, como estava previsto, de voltar à produção em 2015. Voltaremos, certamente, em 2017. Realço a importância dos eurodeputados Luís Capoulas dos Santos e Maria do Céu Patrão Neves no trabalho que conosco (ANPROBE) desenvolveram no sentido de se ultrapassar o referido lóbi francês e alemão, que infelizmente não foi possível na altura”.

O presidente da associação salienta que “a questão das quotas deixará de se colocar. A 1 de outubro de 2017 o mercado europeu estará liberalizado. Há 20 anos a dimensão média de uma unidade industrial rentável situava-se em torno das 70 mil tonela-



das. Hoje, seguramente, aumentou”.

Por seu lado, uma fonte da DAI confirma à VIDA RURAL que “temos campos de experimentação/divulgação de novas variedades de beterraba, em campos de agricultores, no vale do Tejo e nos perímetros regados de Alqueva (baixo Alentejo), levados a cabo em parceria com a ANPROBE, para permitir selecionar as melhores variedades para cultivo, em escala industrial, a partir da campanha de 2016/17, inclusive”. E acrescenta que “quando for oportuno” fará a “divul-

gação oficial de objetivos do caminho para a produção de açúcar de lóbi. A DAI, voltando a utilizar a cultura exclusivamente por parte dos agricultores portugueses

**Variedades com n potencial produti**  
Manuel Campilho fi  
que “a beterraba mostrou  
ternativa cultural com  
resse. Com a lib

mercado, assistiremos a i  
preço e os produtores c  
preparados para isso”.

As zonas de produção sã  
– Alentejo, Ribatejo e V  
dego, diz ainda o respons  
ta que “estão a ser feitos  
novas variedades, cujo po  
dutivo é superior às que  
na altura do encerrament  
Estamos, logicamente,  
para o arranque da produ  
poderá ser antes de 2016  
Em dezembro, o respons:

gação oficial de objetivos e calendários do caminho para o retorno da produção de açúcar de beterraba pela DAI, voltando a utilizar matéria-prima exclusivamente produzida pelos agricultores portugueses”.

### Variedades com mais potencial produtivo

Manuel Campilho frisa também que “a beterraba mostrou ser uma alternativa cultural com muito interesse. Com a liberalização do

de inovação e desenvolvimento da DAI, Manuel Espadinha, tinha afirmado ao Dinheiro Vivo que “vamos para Alqueva que é uma zona com um potencial muito grande e que está em franco desenvolvimento. Estamos em negociações para ocupar dez a 12 mil hectares de terreno que originariam uma produção de um milhão de beterrabas sacarinas que dão depois para 120 a 150 mil toneladas de açúcar”. A DAI produz atualmente 250 mil toneladas de açúcar refinado de cana, da marca Rio Bravo (marca da central de compras Uniarne) e marcas próprias do Continente e Auchan.

“Hoje a fábrica apenas refina cana-de-açúcar que temos de comprar lá fora e, por



mercado, assistiremos a flutuações de preço e os produtores deverão estar preparados para isso”.

As zonas de produção são as mesmas – Alentejo, Ribatejo e Vale do Mondego, diz ainda o responsável e adianta que “estão a ser feitos ensaios, com novas variedades, cujo potencial produtivo é superior às que utilizávamos na altura do encerramento da fábrica. Estamos, logicamente, preparados para o arranque da produção, que não poderá ser antes de 2016”.

Em dezembro, o responsável pela área

isso, produzir beterraba significa menos dinheiro gasto na importação”, dizia Manuel Espadinha ao jornal. Além disso, acrescentava, vai criar empregos porque, além do cultivo da beterraba em Alqueva, que daria trabalho a mais agricultores naquela zona, a DAI vai ter de voltar a readaptar a fábrica de Coruche para que esta possa voltar a transformar a beterraba-sacarina. Este investimento, em conjunto com campos agrícolas em Alqueva, ascenderá cerca de 30 milhões de euros, adiantava o responsável da DAI.

### Apoios disponíveis

Contactado pela VIDA RURAL, o secretário de Estado da Agricultura refere que “a partir da campanha de comercialização 2017/2018 (início em 1 de setembro de 2017) o regime de quotas no setor do açúcar já não existirá, podendo, por sua iniciativa, os operadores (indústria e agricultores) optar por voltar à produção de beterraba-sacarina e transformação em açúcar branco”. José Diogo Albuquerque afirma ainda que é “de salientar que, no quadro dos fundos comunitários da PAC, designadamente no primeiro pilar – Pagamentos-Base, e no segundo pilar – Desenvolvimento Rural e ainda nos fundos estruturais, existem apoios que podem ser utilizados e que poderão contribuir para uma tomada de decisão que leve a que o setor volte a produzir açúcar de beterraba em Portugal Continental”. E especifica: “os apoios do primeiro pilar da PAC referem-se a ajudas diretas aos agricultores que, na sua maioria, estão desligadas da opção de produção do agricultor. Ou seja, cada agricultor tem a possibilidade de escolher as culturas a produzir e as respetivas superfícies são elegíveis a apoio. Neste caso, todas as culturas (inclusive a beterraba) são válidas para que o agricultor receba essas ajudas diretas (pagamento base acrescido do pagamento *greening*)”.

Por seu lado, o presidente da ANPROBE, chama a atenção para o facto de estar “definido no primeiro pilar que a beterraba não terá uma ajuda diretamente ligada à produção”. José Diogo Albuquerque refere que, de facto, “se estivermos a falar de pagamentos ligados, os apoios devem ser fixados para ‘manterem os níveis de produção atuais’ (por imposição das regras comunitárias). Neste momento, o setor da beterraba-sacarina não existe em Portugal, dado ter havido um processo de reconversão em 2006”, mas admite que “no entanto, se em 2017 este setor já tiver sido retomado, este tipo de apoio pode ser alvo de uma reanálise”.

## UMA BOA ALTERNATIVA

Devido à sua excelente adaptação às nossas condições climáticas, a beterraba tornou-se numa cultura essencialmente outonal, entrando na rotação com os cereais de inverno, demonstrando uma enorme economia de água, quando comparada com culturas primaveris, e libertando dois subprodutos de elevada importância: o calcário – corretivo de solos e as polpas – alimento animal.

Assim, a beterraba foi, e será sempre, uma importante alternativa a introduzir numa racional rotação cultural, evitando o proliferar de sistemas monoculturais, com evidentes prejuízos económicos e ambientais. (...)

É também de muitos conhecido que a produtividade média portuguesa de beterraba por hectare se encontrava no topo do *ranking* das produtividades mundiais nos últimos anos da sua produção. Estes resultados só foram possíveis graças a um metuciloso trabalho de experimentação/investigação desenvolvido pela ADB – Associação para o Desenvolvimento da Beterraba financiada unicamente pelos Produtores e pela DAI e, em muito, responsável pela duplicação da produção média por hectare em apenas dez anos.

Números recentes indicam que o mercado mundial exige da produção mais dois milhões de toneladas de açúcar por ano. A ANPROBE defende que este número, apenas poderá ser alcançado através de programas de retoma de produção, investigação/experimentação, visando a melhoria contínua da produtividade, o investimento e o aproveitamento de infraestruturas.

Fonte: ANPROBE



Entretanto, Manuel Campilho avança: “negociaremos com a fábrica uma ajuda à produção resultante do rendimento industrial, fundamental para a viabilização desta cultura”.

### Produção versus preço

Sobre as produções esperadas das novas variedades, bem como produções mínimas necessárias para viabilizar a cultura e preços esperados, Manuel Campilho diz que ainda é cedo para falar destes números, mas lembra que “os produtores portugueses mostraram no passado serem capazes de apresentar rendimentos elevados”. O presidente da direção da ANPROBE adianta, todavia, que “o aumento de uma pode compensar a queda do outro e vice-versa, o que terá implicações, naturalmente, na determinação da margem líquida, considerando as duas variáveis – produção e preço”. Mas frisa que “este ano começaram a

ser feitos ensaios com novas variedades. Sabemos o que se passa na nossa vizinha Espanha e pensamos que há um incremento assinalável na produtividade, mas só saberemos o valor correto com os resultados dos ensaios que forem sendo divulgados”. E afirma ainda que “sendo o mercado liberalizado como referi anteriormente, i.e., sem quotas, haverá flutuações de preços tal como nas outras *commodities*. Os preços são influenciados pelo mercado mundial e também pelo que a UE vier a definir. Seguramente, o preço será resultado da normal lei da oferta e da procura, bem como das alterações climáticas que eventualmente se venham a verificar nas várias zonas do globo”. Manuel Campilho defende assim que “teremos que estar atentos às movimentações dos preços e aguardar até à data de assinatura do primeiro Acordo Interprofissional onde figurará esse valor”. ♦